

tâncias, como fazer qualquer crítica sem primeiro *passar ao estado* definido em tal teoria?»

O papel de «Síntese» é fazer cultura. Não se confunda isto com alardear cultura. Fazer cultura que é senão fornecer elementos para uma cultura?

Pois bem: os elementos duma cultura são, em primeiro lugar, os conhecimentos que hão-de constituir a base da cultura, a parte material, sólida, real da cultura; em seguida, a orientação, a elucidação e a crítica. Como poderemos nós então entender esta acção: — *fazer cultura*, sem esta outra: — divulgar?. Divulgar é já três quartos de cultivar. E foi por isso que o Dr. Gaspar Simões achou que «Síntese» pendia mais para a divulgação que para a cultura. É como se dissesse que os rios correm mais para a foz do que para o mar.

E agora a outra questão: a das palavras còmesinhas.

Divulgar, vulgarisar, é precisamente isto: reduzir os assuntos a palavras còmesinhas, para que tôda a gente entenda. É precisamente o que o Dr. Gaspar Simões nos faz notar como uma inferioridade. De resto, a expressão «palavras còmesinhas» é muito relativa: onde o Dr. Gaspar Simões, que conhece as idéias de Freud, vê palavras còmesinhas, a maioria dos leitores vê apenas o freudismo em termos assimiláveis; vê uma idéia que os termos arrevezados e a espèculação transcendental tornavam inacessíveis ao grande público. Se não conseguirmos pôr a «Relatividade» em termos còmesinhos, mas exactos, não

faremos obra útil; quem não a conhecer, continuará a desconheçê-la; e quem a conhecer, não precisará da nossa divulgação. Leva-nos isto, rapidamente, à crítica de

«Portucale» — que diz, com uma petulância que julgávamos impossível em mentalidades superiores: «Síntese»... «vem-nos contar as suas descobertas que, como é natural, são aquilo que estamos fartos de saber, na ciência, na filosofia e na arte». Se estão fartos de o saber, façam-no saber aos outros, que o ignoram, e a quem nós nos dirigimos. «Síntese», como todas as revistas de cultura, não se dirige aos cultos enciclopédicos, como Suas Ex.^{as} de «Portucale», mas, pelo contrário, aos que querem cultivar-se, e de entre os cultos àquêles que, não sendo enciclopédicos e universais, como Suas Ex.^{as} de «Portucale», procuram nas revistas de cultura o que lhes falta conhecer, ou o que está fora do seu campo habitual.

Seriam estas duas críticas ditadas pelo horror da divulgação, que assombra as mentalidades superiores portuguesas, os nossos homens de letras, os nossos lentes, os nossos sábios?

Entre nós, a palavra *divulgar* tem um significado de inferioridade. Divulgar, levar aos outros aquilo que se sabe, não é trabalho para os nossos homens de ciência, que estão muito acima dessa coisa mesquinha. Que um Louis de Broglie o faça, que o façam um Charles Fabry, um Reichenbach, um Caullery, um Carnap, um Jeans, um Einstein, um Thomson... vá. Mas os nossos!...